

TERRITORIALIDADES
LGBTQIAP+

REFERÊNCIAS CULTURAIS FAMÍLIAS

Realização

InstitutoPólis

repep

Apoio

 IPHAN INSTITUTO
PATRIMÔNIO
HISTÓRICO
NACIONAL

FAMÍLIAS



DESCRIÇÃO

Consiste em grupos de pessoas, principalmente jovens, que se unem e criam relações de afeto, sentimento de segurança e acolhimento e compartilham responsabilidades. Esses grupos têm ao menos um fundador - chamado de “mãe” ou “pai” - que administra a família composta pelos “filhos” e “filhas”. As famílias são formadas por jovens que buscam laços de afeto que muitas vezes não encontram em suas famílias consanguíneas e vivem - ou viviam - em ambientes nocivos e violentos que podem levar a distúrbios psicológicos, agressões físicas e até a morte.

Não há consenso sobre as origens das famílias LGBTQIAPN+. Embora alguns estudiosos e membros de famílias apontem para o final do século XX e a expansão das redes sociais, outros remontam aos anos 1960, durante a ditadura cívico-militar brasileira (1964-1985). Nestes anos de violenta repressão policial, a travesti Brenda Lee abriu as portas de sua pensão para abrigar pessoas em situação de vulnerabilidade, que ficou conhecida como Palácio das Princesas. Outras travestis e mulheres trans da centralidade do Largo do Arouche seguiram esse caminho, como Andreia de Mayo e Cris Negrão, nas quais suas “filhas” e “filhos”, travestis, mulheres trans e alguns homens gays, precisavam pagar as comodidades, assim como a segurança ofertada por suas mães, o que quase sempre as levavam à prostituição. A falta de pagamento ou desobediência por parte de uma “filha” poderia ter como consequência punições severas e até agressões físicas. As brigas entre as famílias eram algo comum, seja pelo controle da prostituição da rua, seja por ofensas pessoais.

Atualmente, há diversas famílias na cidade de São Paulo, cada uma com suas regras internas e dinâmicas de convivência. Algumas são compostas por dezenas de pessoas e outras chegam a ter centenas. Se antes os grupos eram formados predominantemente por travestis e mulheres trans, hoje há espaços para gays, lésbicas, bissexuais e pessoas trans. A centralidade do Largo do Arouche foi um local de encontro de muitos “parentes”, mas as redes de sociabilidade ocorrem também em parques, como o Ibirapuera e do Carmos, e nas regiões periféricas. Enquanto algumas famílias mantêm a hierarquia familiar, com uma “mãe” ou um “pai” em posições de chefia, famílias mais novas têm investido em outras formas de administração, como compartilhamento de decisões por voto ou formação de conselho gestor.

Na família Vallentyne Lawiny, por exemplo, além do pai existem os tios, que assumem as responsabilidades do pai quando este está ausente. Nesta família há um “bonde”, grupo de jovens que dançam funk e fazem apresentações em estabelecimentos comerciais. Na Vallentyne Lawiny não é permitido que um filho ou filha pertença a outras famílias. Já a família D’Mattah é composta por centenas de integrantes e se estende para além das fronteiras da cidade. É gerida não somente por um pai, mas por um conselho gestor que objetiva a formação dos filhos, tanto escolar como enquanto sujeitos da sociedade. Muitos de seus membros estão engajados na militância pelos direitos LGBTQIAPN+.

O **Consulado das Famílias LGBT** foi criado em 2014 pelas famílias Vallentyne Lawiny, D’ Mattah, Stronger e Mad Queen como forma de união em defesa dos direitos LGBTQIAPN+ e após anos de conflitos, algumas vezes violentos, entre as famílias. O Consulado objetiva reunir o maior número possível de famílias em prol da defesa de direitos. Atualmente, fazem parte do Consulado também as famílias Casamayor, Seth, Uzumaki e Punky’s. Muitas outras famílias, no entanto, existem na cidade, como a Família Jackson, Feniquis, Hunter, Hórus, Mickey, Mutatis e Bratchon Stenkopf.

Com as conquistas mais recentes da população LGBTQIAPN+ nas últimas décadas, a vivência de pessoas jovens tem mudado e hoje há realidades diferentes daquelas vividas no século XX. Muitas das famílias mais novas são influenciadas pelo estilo norte-americano de famílias e envolvem-se mais com a arte, dança e música como forma de empoderamento e ativismo.

REFERÊNCIAS

GRUNVALD, Vitor. Juventude periférica, gênero, sexualidade e violência de Estado: notas a partir de uma família LGBT na cidade de São Paulo. Revista Ponto Urbe. N. 28, 2021. Disponível em <<https://doi.org/10.4000/pontourbe.10508>> Acesso em 25 fev 2024.

NITO, Mariana Kimie. Inventário participativo Arouche LGBTQIA+. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2023. Disponível em: <www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1036 .> Acesso em 24 out 2023.

PERILO, Marcelo. Em trânsito com as “famílias LGBT”: sobre redes de suporte e proteção de adolescentes e jovens na cidade de São Paulo. 2014, Anais. Brasília: RBA, 2014. Disponível em: <http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402000728_ARQUIVO_Artigo-MarceloPerilo.pdf> Acesso em 27 fev 2024

STRONGER, Elvis. Quem manda na noite? Vicência em uma família LGBT. Revista Geni. Publicado em 6/3/2016. Disponível em < <https://revistageni.org/03/quem-manda-na-noite/>> Acesso em 25 fev 2024.

OUTRAS REFERÊNCIAS CULTURAIS RELACIONADAS

Centralidade Histórica: Largo do Arouche
Círculo: Encontros, cultura e lazer
Memória: Casa de Apoio Brenda Lee